K-C4-M8-v.1
11.66.M12.Nº 1
B
21590
S

CONTOS SINGELOS

ORIGINAES

DE

GABRIEL PEREIRA

Os felizes—No Amazonas—Louros e brancos—Se elle soubesse ler, escrever, contar! (Historia para operarios)—Bem fazer, bem haver. (Conto para operarios)—Pobre e formosa!—Janus.

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
68, Praça de D. Pedro, 68
1876

CONTOS SINGELOS

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

CONTOS SINGELOS

ORIGINAES

DE

GABRIEL PEREIRA

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO HISTÓRICO DE ÉVORA

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
68—Praça de D. Pedro—68
1876

A propriedade d'esta edição pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

Typ. Editora, Praça de D. Pedro 67

OS FELIZES

I

A sociedade é como o oceano: na superficie tranquilla reflecte o azul do céu, sob a superficie agitam-se luctas silenciosas, movem-se monstros ou seres maravilhosos; no fundo ha lodo, ou rochedos ou coraes, ou perolas. Andrajos que roçam velludos; rosadas auroras e occasos melancolicos; orgulhos que insultam miserias; esperanças e desolações, enthusiasmos e fraquezas, escarneos e indifferenças—no todo a serenidade.

Nos vultos que passam é facil distinguir duas castas, duas ordens, se quizerem; os que procuram o pão com a sua actividade, os que têem o pão certo, e procuram gozar e satisfazer caprichos. Para muitos a sociedade apresenta-se como a superficie accidentada da terra: vemos as alturas e desconhecemos as camadas inferiores; admiramos o lavor de-

licado da cupula apparatosa sem fazer caso dos alicerces toscos, solidos, necessarios. Mas a maior montanha é nada perante a massa imponente do globo. Os pincaros mais elevados baqueiam com um estremecer da crosta. E' nas serras que ribombam as trovoadas, coriscam os relampagos, cahem em torrentes dsvastadoras as aguas, volteiam ou tufões; nos plainos ha brizas, lagos ou regatos; alem pompa esteril, aqui modestia fecunda. Comtudo, não ha força inutil; onde não ha serras, onde os plainos se alargam por centenas de leguas, ha desertos; porque as alturas rasgam os nevoeiros, precipitam a chuva, desmascaram a electricidade. Pobres serras, varzeas afortunadas! Ellas, altivas, solemnes, com os pincaros mergulhados nas nuvens, as fragas calvas, as quebradas abruptas, não têem aragens que as afaguem, nem flores que as matizem, nem frescuras de salgueiros, só as torrentes que as diluem, as rajadas que as fustigam, os pinhaes humidos e de triste rumor; as aves não cantam nos penhascos selvaticos; até a aguia, durante as tormentas, passa sobre as rochas, rapida, as azas birtas, a procurar abrigo nos arvoredos da planicie. Ha montes que vomitam lavas e cinzas, n'outros as coberturas de gelo estrellam-se em regatos; uns espalham em torno de si desolações e horrores, outros rodeiam-se de vida e frescura; mas elles, em si, ficam sempre tristes, em luta com as violencias.

Quem é feliz? o grande, o rico, o sabio? Têem vaidades, orgulhos, caprichos, desejos insaciaveis.

Queres ser feliz? diz Goethe, pega n'uma enxada e cava a terra. Quer dizer talvez, contenta-te com um estreito horizonte. Mas o homem procura sempre subir, crescer: se do plaino alcançou a meia encosta, tenta trepar pelos rochedos e calcar o mais elevado pincaro. Quantos ficam no declive exanimes, aniquilados! E os que attingem as cumiadas como ficam dilacerados, gastos, inertes!

Feliz, dizem, aquelle velho que toda a sua mocidade gastou em trabalho insano, mas conseguiu a riqueza. Pobre velho! Quando foi primavera, elle nem viu a luz, nem as flores, nem respirou nas alvoradas alegres d'abril. Agora é inverno, já não ha flores, as arvores estão nuas, o ar é frio. Mas descança e goza... Goza dores, desfallecimentos.

E este? assim que nasceu a artilheria troou, de igreja a igreja voaram os repiques festivos; os cortezãos curvaram-se perante o rei futuro. Coitado, que abalos tem a soffrer! Em toda a parte e sempre o rodeiam de baixezas, através as redes d'intrigas não descortinará a verdade; tamanha será a illusão que, proximo a cahir no abysmo, ainda se julgará inabalavel.

É feliz quem, não tendo ambições, tem a consciencia limpa e abriga no coração sentimentos d'amor e generosidade e no cerebro sãs idéias de verdade e justiça; e o mais importante ante a consciencia, a humanidade e Deus é a acção boa e a idéia grande.

Não é preciso subir muito para vêr largos horisontes, e estes na sua vastidão raras vezes têem o

mimo e a serenidade dos valles estreitos onde serpeia o regato modesto, e os casaes alvejam entre os arvoredos das encostas!

II

O dia despontava lindo; a luz suavissima da aurora enchia d'encanto as montanhas e a larga enseada; no ceu nenhuma nuvem, o ar com a mais amena frescura; no mar as ondas irrequietas bordando de alva espuma os rochedos austeros; bandos de gaivotas oscillando á tona d'agua, uma tenue aragem a soprar da terra.

Que bulicio no caes, Santo Deus! Tanta gente e tão ruidosa!

Os bateis estão preparados, empavezados de flamulas e bandeiras. As conversas, os gritos, as gargalhadas cruzam-se sem cessar, tudo respira festa, os fatos de cores vivas, as caras todas risonhas. Como a aurora diz bem aos rostos das raparigas! Que bella e divertida romaria! E como é agradavel passeiar pelo mar, n'uma formosa manhã d'abril!

Estalam os foguetes no ar, chega a philarmonica, chegam os festeiros; os romeiros mais atrazados correm para o caes; cresce o barulho e a animação.

Os barqueiros lançam os croques ás argolas e encostam os bateis ás escadas. Agora vereis os enthu-

siasmos, o alvoroço, os embaraços; os rapazes querem saltar todos á um tempo, as mãis gritam, as filhas riem cada vez mais. A sr.ª Anna, a gorda vendedeira, é içada para o barco, perde o equilibrio, e ameaça arrombar o fundo como a pesada molle; a menina Julia, airosa como as garças e corada como as papoulas, salta ousada para a borda, perde o equilibrio, escorrega, e molha as botinhas novas; o Pedro carpinteiro, fazendo de pimpão, pula, e com tanta infelicidade, que vae cahir sobre a borraxa de um collega; salta a rolha e sahe em jacto o rubido liquido, espadanando-se nas saias lavadinhas de hontem da sua cara metade. E os gritos, as gargalhadas a esturgirem.

—Ó Maria, anda para aqui, que tens ainda lugar —Ó Antonio não te esqueças do cabaz.—Menino, senta-te, olha que vais cahir.—Ai! que pisadela, sr. Joaquim, mesmo n'um callo. Ore o bruto do homem! —Olá! menino, isso é que não vale, vá lá para o outro barco, mas deixe o cesto com o dono.—E então isto não parte, então ficamos aqui? grita um impaciente.

—Toca a musica, berra outro.

—Larga, larga.—E os croques deixam as argolas, fincam-se nos degráos, impellem os barcos. Sobem ao ar as girandolas, rufa o tambor e rompe o hymno.—Viva a senhora da Alegria! gritam os romeiros a um tempo.

—Ai! credo! coitadinho, diz a tremer e a benzer-se a sr.ª Anna, vendo o moço do barco a trepar pe-

lo mastro, para largar a vela. O rapaz sobe n'um prompto, segura-se bem e desenleia-se o cabo. A vela infuna-se, bate fremente, passa-se a escota, prende-se; o homem do leme vai para a pôpa. As ondas encrespam-se espumantes na proa, afastam-se rapidas lambendo o costado do barco, e na agitação prolongada marcam a curva da singragem.

A philarmonica e os festeiros vão no batel *Feliz viagem*; é o mais veloz e seguro.

—Isto é que é um barco—diz o José barqueiro que vai ao leme—aqui onde o vêem, já ganhou o premio das regatas lá em Paço d'Arcos; isso aquella gente toda, até o rei, vejam lá, ficou de boca aberta. E forte? não se poupou madeira e da melhor.... Encalhou já uma vez ali nos rochedos do castello, e esteve a noite inteira a martellar, a martellar, e nós sem o podermos safar d'aquella rascada; isso é que foram trabalhos.... pois nem fez um dedo d'agua. Ora vejam, olhem para isto, é o que leva mais peso e nem por isso os outros passam ávante!

—Olá! então a visinha sempre se resolveu a acompanhar-nos?—dizia o Manuel marceneiro, cornetim da philarmonica, para a filha do José barqueiro, dono do batel.—Ainda vem com os olhos com que dormiu; não está affeita a erguer-se de madrugada...

—Porque me deito tarde, não por preguiçosa. Meu pai instou comigo; vá lá, faço-lhe a vontade. Uma vez não são vezes; eu não gosto muito de barulhos, nem de apertos...

—Ora, os barulhos são aqui; em desembarcando cada um vai para onde quer e acaba-se o motim. A menina ha de gostar de ver aquellas serras e arvoredos; ha rochas que parecem casarias, umas sobre outras...

—Toque a musica!—bradavam dos outros bateis, e interrompia-se o dialogo.

Entremos francamente na historia. Emilia, a filha do barqueiro, morava junto da officina de Manuel. Viam-se a miude; á tardinha, quando elle largava o trabalho e ia para casa, via-a quasi sempre á janella, comprimentava-a, e se as visinhas curiosas não estavam pelas portas, dava-lhe dois dedos de conversa. Eram muito novos, muito bons, eram timidos. Nenhum d'elles sabia bem se aquillo era namoro; mas estavam namorados; a chammasinha era modesta, sem fumo, mas constante, e lá ia minando.

Manuel tinha vinte annos; morava com o pai. A mãe finara-se sendo elle ainda creança; pouco se lembrava d'ella, mas as recordações que tinha eram de meiguices, de carinhos, que para sempre tinha perdido.

O pai raras vezes fallava da sua pobre companheira; a cova que lh'a escondera sepultara-lhe tambem a alegria. Era tambem marceneiro, fôra o mestre do filho. Parecia querer vingar-se da sua má sorte nos innocentes madeiros que trabalhava, manejava quasi com raiva a enxó, a serra, a plaina ou o formão, só se animava fazendo girar rapidamente o torno, fallava pouco, não cantava nem ria.

Assim, n'aquella casa não faltava o dinheiro, o armario tinha sempre pão, mas faltava o arranjo e alegria. Manuel vivia triste; muitas vezes ao entrar em casa, depois do trabalho, n'aquella solidão melancolica, pensava elle em como lhe seria agradavel encontrar ali uma mulher que o acolhesse com doçura, que o premiasse do seu trabalho.

—Se minha mãe vivesse—pensava elle comsigo—ou ao menos se eu tivesse uma irmã! Irmã! Deve ser tão agradavel ter uma irmã, que seja a nossa confidente, o nosso mimo; com quem se passeie nas noites serenas, a quem se satisfaçam seus pequenos caprichos; que recoste a cabeça no nosso peito, e nos presenteie de vez em quando com as prendas de suas mãos; que nos suavise a existencia, nos anime e console, emfim que espalhe em torno de nós a casta luz da sua alma ingenua, luz mais viva que a das estrellas e menos ardente que a do sol!

—Se eu tivesse uma esposa... pensou elle um dia depois de ter conversado com Emilia; como tudo isto seria mais alegre se a tivesse junto de mim, como eu trabalharia de melhor vontade!

Manuel não tinha distracções, o pai nem mesmo lhe consentia que acompanhasse outros rapazes em diversões ruidosas. Disseram uma vez ao velho marceneiro que tinham visto o filho, n'uma tarde de domingo, á porta d'uma taverna. Elle chamou-o com voz aspera.

—Disse aqui este senhor que o vira á porta da taverna, é verdade?

—Entrei e sahi logo, não me demorei, fuí lá fallar ao...

—Basta. Se lá entrar outra vez, desanco-o com um sarrafo.

Quando os artistas organisaram a philarmonica, elle consentiu na entrada do filho, depois de muitos empenhos e recados; era a unica distracção que o rapaz tinha.

Emilia, a visinha de Manuel, era a animação de sua casa. A mãe, já velhita, o pai e os irmãos sempre a trabalhar nos barcos, não tinham prazer senão junto de Emilia: era em quem descançavam. Era ella quem lhes cosia o fato, engommava a roupa, e fazia o comer; quem apasiguava as desavenças d'uns com outros; a unica pessoa que abrandava a linguagem grosseira dos irmãos, ou a lingua um tanto irritante da mãe, já rabujenta pela edade. O pae, que fôra na sua mocidade marinheiro de barra-fóra e contramestre do brigue *Nova Estrella*, de que elle não perdia occasião de fallar, era como todos os velhos e bons maritimos: paciente e sereno; amigo dos seus, amigo dos barcos, e do cachimbo, e do seu copito; amigo sobre tudo da sua Emilia. Trabalhava muito, frauteando sempre as suas cantiguinhas predilectas, o fado do marujo e a náo catherineta. Quando não tinha que fazer no mar, entretinha-se em casa fazendo cóvos para a pesca, ou preparando redes e oleando fatos: ás vezes ia até

á loja do marceneiro, sentava-se n'uma tripeça, accendia o cachimbo, e contava as suas historias, viagens e aventuras na pittoresca linguagem de marinheiro.

Na vespera da festa da Senhora da Alegria o barqueiro entrara em casa alegre e risonho, e dissera logo:

—Amanhã será dia grande; alugaram-me o batel para a romaria; queres ir, Emilia?

—Eu não, meu pae.

—Não queres? não sabes o que perdes. Estás aqui sempre mettida, quando não é a cosinhar é a coser, senão é a coser é a fazer renda de bilros... ora deixa isso por um dia só e vem commigo.

—Pois irei, meu pae.

—No meu batel, por ser o mais aceiado e seguro, vão os festeiros e a philarmonica. Olha, vai tu ver se a bandeira precisa alguma passagem. Eu já volto.

Emilia foi buscar a bandeira e começou a dar-lhe alguns pontos. Gostava tanto de andar pelo mar! E... o Manuel, que era da philarmonica, iria na sua companhia... talvez a romagem lhe fosse boa.

O pae voltou em breve, e lançou um embrulho no collo da filha.

—Vê lá se te servem.

—Então que é?

—Vê.

Eram umas botas novas e um lenço de seda azul.

—Ora a sua lembrança; eu não precisava d'isto. Tanta despeza...

—Ora cala-te, assim é que agradeces? Então querias ir com as botas velhas? Põe lá o lenço azul. Olha que te fica bem. Caspite, que palmito de cara. Dizia o capitão do *Nova Estrella* que ás carinhas claras diz bem o azul, e ás morenas o encarnado, e tinha razão o maroto. Eu já aposto que não apparece lá na romaria carinha tão fresca como a tua.

Ella corava, estremecia; e deixava o pae afagal-a, e arranjar-lhe as dobras do lenço.

III

Depois da festa os romeiros debandaram-se pelos arredores da ermida. A ermida da Senhora da Alegria está a meia encosta d'uma serra pittoresca; os cumes são escalvados; o sopé da montanha, sempre batido das ondas, é eriçado de fragas severas, que n'uma e n'outra parte, afastando-se um pouco, abrigam pequenas praias de alvissima arêa. Mas a meia encosta situada entre a esterilidade das alturas e a tristeza das fragas, é cheia de encantos; nem as rajadas, nem as ondas a fustigam. São pequenas collinas, argilosas e frescas, envoltas em medronheiros e loureiros que se entrelaçam em matta espessa e sombria. Nas margens dos regatos cresciam as peónias, de largas petalas purpureas,

e os dorsos d'alguns outeiros são totalmente revestidos de urze e alecrim.

O barqueiro e a filha procuraram um logar azado para a sua refeição: acharam uma bella sombra sob um loureiro. Ali não ha cultura. O loureiro lançara varas em differentes direcções, e todas vingaram; era um grande arbusto; alguns ramos rastejavam no solo.

Começavam a comer, quando appareceu Manuel. Elle, assim que os viu, ficou sem saber que fizesse; ia-se já afastando, quando o barqueiro o avistou. Chamou-o logo.

—Olá! visinho Manuel, chegue-se para os bons... então tem medo de cahir no prato? Venha, sente-se ahi n'esse tronco, coma, isto não é para ficar aqui.

Manuel acceitou; animou-se com a franqueza do barqueiro; este sentiu ter-lhe esquecido o queijo; Manuel correu logo a compral-o n'uma barraca de comeres. Trouxe tambem um lenço com cerejas.

Acabavam de comer, quando chegou o moço do barco dizendo que, vasando a maré, podia o batel ficar em secco se não fundeasse mais ao largo.

—Tudo se arranja, homem—disse o barqueiro—não te afflijas, bebe um gole de vinho, e vamos tratar d'isso. Vossês esperem-me aqui, eu já volto.

Os dois ficaram sós, os outros grupos estavam muito afastados; os arbustos eram espessos. Por muito tempo estiveram calados: não se atreviam a fallar, mas os corações pulavam e os rostos coravam-se. Ella procurou disfarçar o seu enleio arran-

jando o cabaz, elle comia cerejas; depois juntou um par de cerejas, presas no mesmo pé, e atreveu-se, a estremecer, a pôr-lh'o n'uma orelha. Ella sorriu-se, corou ainda mais. Manuel sentia em si o coração a querer saltar fóra, a estallar: houve a explosão.

—Que linda que és, Emilia!—E ficou assustado, inquieto: sem querer, tinha-a tratado por tu. Procurou reparar a supposta offensa.—Está-lhe tão bem esse lenço, menina Emilia.

—Foi meu pae que m'o deu—respondeu ella hesitante; e desatou a chorar.

Manuel ficou sobresaltado vendo-lhe as lagrimas.

—Eu offendi-a, menina Emilia, queira perdoar-me.

—Trate-me como me tratou ainda agora, trate-me por tu.

—Emilia, é muito minha amiga?

—Muito.

—Queres ser a minha companheira?

—E tu has de ser sempre bom para commigo?

—Heide, sim, Emilia!

E deram-se o primeiro abraço; por coincidencia o sino da ermida começou então um repique festivo e vibrante.

Emilia ajoelhou e murmurou:

—Que a Senhora da Alegria nos proteja!

Na volta fazia frio. O mestre barqueiro lá ia ao leme fumando no seu cachimbo e contando viagens e aventuras. Os philarmonicos tentaram executar uma valsa, mas não o conseguiram. Quasi todos es-

tavam alegres de mais; Manuel era quem mais desafinava, esse estava ebrio, mas de amor. Emilia, embrulhada n'um chale, ia aconchegada junto do pae. O vento soprava fresco e humido, a lua desdobrava sobre as aguas o seu leque de luz, as ondas pareciam cheias de fitas luminosas e coruscantes; a esteira que o barco ia deixando era um largo sulco de crystaes.

Os philarmonicos continuavam a altercar.

—Tu não afinas, porque bebeste de mais.

—Já te disse que não estou bebedo, eu nunca me embebedei, entendes? Olha, eu te digo o que bebi...

—Não é preciso, deixa-te d'isso, eu já sei o que leva a vasilha.

—Eu bem sei porque elle não afina; é por causa do bigode. Em cortando o bigode...

—Vossês estão mangando? Pois assim que chegue a terra a primeira cousa que faço é cortar o bigode.

—Olha, se tens pressa, aqui vai um barbeiro.

—É verdade, a requinta é barbeiro.

—Essa não é má, a requinta é barbeiro; se fosse barbeira...

—E era bem bom que houvesse barbeiras.

—Vossês bem sabem o que eu digo na minha. O nosso camarada que toca a requinta, ganha o pão de cada dia com a thesoura e a navalha.

—Isso é que é saber explicar-se.

—Pois enganam-se—dizia da pôpa o mestre bar-

queiro;—ha barbeiros e barbeiras. Vossês não têem visto nada, nunca sahiram do ninho. Em Hespanha ha barbeiras, e que *muchachas tan guapas*. Só por gosto se faz a barba. Quando estive em Alicante, a minha maior pena era não me crescer a barba um covado por hora para andar sempre pelas casas das barbeiras. Na Hollanda tambem ha barbeiras; mas essas cheiram muito...

—Cheiram muito! ora essa! então a que cheiram?

—Então vossês não sabem? Bem digo eu, não têem visto nada. Pois eu cá, tapem-me os olhos, e ponham ao pé de mim um inglez, um russo, ou um preto, e verão se os conheço ou não pelo cheiro. Tudo cheira, até a terra cheira. Depois de passar alguns dias no alto, quando a gente se aproxima da terra, ás vezes a leguas de distancia, vem logo um cheiro que consola. Olhem, rapazes, isso é que me ha de lembrar sempre; iamos a dez leguas de Batavia, que é uma cidade muito grande, da ilha de Java, lá para esses mares da China, quando nos chegou o cheiro da terra: cheirava a canella que era uma consolação.

—Estavam a fazer arroz doce?

—Cala-te, pateta, não sabes o que dizes: era das flores.

—Mas então, mestre barqueiro, vossê esqueceu-se das barbeiras hollandezas.

—Ah! é verdade, lá me ia esquecendo; isto as palavras, como o outro que diz, são como as cerejas, umas puxam as outras. As barbeiras hollan-

dezas cheiram assim a azeite de peixe, ou cousa parecida; e depois como lá se faz a barba... assenta-se a gente, vem uma d'aquellas mocetonas feias e sebentas, pega n'um bocado de sabão cor de tijollo, cospe-lhe, e zás, na cara d'um christão. Sempre são herejes. Na China sim, isso é que são barbeiros; não desfazendo do senhor da requinta, bem entendido. Ia eu por contramestre do brigue *Nova Estrella* em viagem de Macau para Manilha, quando veiu um tufão do inferno a varrer aquelles mares todos, que parecia acabar-se o mundo. Arribámos com avaria grossa a Fucháu, que é porto da China. Estivemos por lá quasi um mez. Assim que saltei em terra, fui em cata d'um barbeiro. Encontrei um. Era uma casa de páo, lona e papelão que ia a terra com dois murros. Appareceu um homem baixo, amarello; fez muitas mesuras, mostrou-me a cadeira e eu estendi-me logo n'ella. O chinez veiu com um frasquinho com oleo e uma penna de pato e untou-me a cara com muito cuidado. Foi buscar uma caixa e tirou d'ella uma faca; nunca mais vi uma faca assim; mas aquillo não era faca, tinha antes o feitio d'um cutello; muito larga, e com um corte... que nem uma faca de fazer rolhas. Eu já estava com um mêdosito. O chinez aproximou-se, fez ainda mais mesuras, poz a minha cara lá a seu geito, assentou a faca proximo da orelha, e zás! veiu correndo pela face abaixo. Voltei-me para o outro lado, e zás! do mesmo modo, e prompto, nem gastou um minuto.

Manuel tinha-se assentado junto de Emilia; apertavam-se mutuamente as mãos; ao desembarque Emilia disse-lhe em voz baixa:

—Depois de casados havemos de vir todos os annos a esta romaria.

Os romeiros separaram-se em grupos. O barqueiro, Emilia e Manuel vieram juntos. Á despedida houve um grande aperto de mão entre os namorados. O barqueiro reparou e disse logo francamente:

—Temos mouros na costa. Fazem-se espertos os meninos. É tempo, é. Já passei por isso. Olhem, deixem-me dizer-lhes uma cousa (e parou por um pouco a pensar comsigo...) emfim, Deus os faça felizes.

Manuel abraçou-o sem dizer palavra.

—Está bom, está bom, meus filhos,—dizia o barqueiro já commovido.—Tu és bom rapaz, Manuel, eu bem o sei, conheço-te desde pequeno; mas nada de tolices, é andar direitinho, e toma conta com teu pae que anda ha annos rabujento; e tu, Emilia, não te esqueças nunca da tua mãesinha.

IV

Mezes depois, n'uma fria noite d'inverno, um desastre terrivel apavorou a cidade inteira. Um temporal desfeito fustigava mar e terra. Rajadas sobre

rajadas, humidas e violentas, se desdobravam sobre as aguas, e vinham sibilantes abalar casas e telhados.

O barqueiro e os filhos, logo de tarde, quando ainda o temporal se não declarava, mas se fazia já presentir, tinham ido metter os bateis na doca. Voltaram a casa, ceiaram e deitaram-se. Seriam onze horas da noite e ainda a senhora Brigida, a mulher do barqueiro, não podera conciliar o somno.

O vento parecia querer arrombar as portas, a luz da candeia oscillava mortiça.

—Meu Deus, meu Deus! — murmurou a velhinha, — que desgraças não haverá esta noite. Nada, não posso dormir, vou rezar.

E levantou-se sem ruido, enfiou as saias, poz um chale, e foi ajoelhar defronte do oratorio. Bemditas orações. Havia uma migalha que a velhinha rezava, quando Emilia sahiu do quarto.

—Então tambem não podeste dormir?

—Não posso; levantei-me. Ai! ainda bem que o pãe e os manos estão em casa. Santo Deus, que vendaval! Vou rezar tambem.

E ajoelhou junto da mãe. Pediam ambas a Deus e á Virgem Santissima que velassem pelos que andam sobre as aguas do mar, pelos maridos e filhos entregues á mercê das ondas, que n'um momento de furor fazem viuvas, orfãos, miseros, sem alegria e sem pão, dos que eram felizes e tinham um braço para seu arrimo.

A casa estremecia, a luz oscillava e minguava

cada vez mais. O crucifixo sombrio parecia tremulo com os reflexos da luz mortiça; o rosto do Christo, inclinado, arroxeado, frio, as palpebras cerradas, parecia envolto em immensa tristeza, em agonia occulta e silenciosa, n'uma desesperança sem allivio.

A Virgem, a mãe lacrimosa, a fronte serena e melancolica, o olhar fito de seus olhos humidos, a alvura do rosto contrastando com as sombras do oratorio, offerecia apenas resignação, não dava esperança; parecia dizer: minhas pobres filhas rezem e chorem, eu acompanho-as na sua dor e nas suas lagrimas; mas tem de ser; ha dias serenos e dias de tempestade; olhem o Crucificado, é o meu Filho: que eu vejo com meus olhos de mãe amantissima pregado n'uma cruz, singrado de flagellações. Resiguem-se, lá no céo os corações limpos e as almas singelas e crentes gozarão descanso eterno, paz e alegria sem fim.

O barqueiro e os filhos acordaram tambem, levantaram-se e ajoelharam atraz das duas mulheres.

De repente, um som secco e lugubre resoou na casa e fez vibrar as vidraças. Estremeceram todos em calefrios de susto.

—Foi um tiro de peça; navio em perigo! disse o barqueiro em voz baixa, sentindo a pelle arripiada e os cabellos hirtos.

—Mãe Santissima! Senhor Jesus dos Navegantes! valei-lhes, valei áquelles desgraçados !... — bradaram as duas mulheres, lavadas em lagrimas.

Segundo tiro; foi um som baço, soturno, doloroso como um arranco. N'isto o clarão d'um relampago, passando pelas fendas da porta e janellas, illuminou a casa com o seu fulgor sinistro e o ribombo solemne e cruel do trovão dominou por instantes todos os ruidos; depois as rajadas bravias entoaram de novo a risada ironica sobre o estampido das vagas rasgando-se na arrebentação; o aguaceiro pesado fustigou rijamente vidraças e telhados, e então o terceiro tiro de soccorro, mais forte e agonisante que os primeiros, ecoou nas trevas lugubres d'aquella noite d'ira e afflicção.

—Rapazes, o nosso lugar não é aqui!—disse o barqueiro em tom resoluto; e levantou-se.

—Meu pae! José!—bradaram as mulheres a um tempo.—Não saia, não vá ao mar...

—Nada de lamurias. Vossês rezem, descancem, nós não vamos ao mar, vamos ver o que vai por lá, vamos ao caes, á doca. Vamos, rapazes, tragam os fatos de oleado.

Ellas prostraram-se perante a Virgem, soluçando ambas. O barqueiro foi buscar a machadinha e um cabo; depois ajoelhou ante o oratorio e beijou as chagas do Senhor. Ao sahir apertou a filha junto ao coração, e seguiu com os dois filhos.

No caes estava muita gente. As chammas dos archotes embreados illuminavam os rostos de clarões vagos e vermelhos. Aquella multidão irada, afflicta, gritava, altercava, lamentava, não fazia nada. Os consules, o capitão do porto, gente do commer-

cio, authoridades, lá estavam para presenciar o sinistro.

—Então, sr. capitão do porto—dizia um dos consules—veiu assistir a este espectaculo? É bonito, não acha? Vamos ver como se despedaçam os navios, e morrem companhas inteiras, aqui, de braços cruzados?

—Então que quer?

—Que quero? É o segundo naufragio d'este anno; no inverno passado houve seis ou sete, e providencias não ha nenhumas.

—Eu já officiei duas vezes. Mas o senhor bem sabe que em Portugal não se faz caso d'estas coisas.

—Ah! já officiou duas vezes. Então está tudo remediado! Agora faz terceiro officio e se lhe parecer um relatorio...

E seguiam-se os commentarios.

—E depois hão de ir pedir ao consul o importe dos tiros da fortaleza.

—Não póde haver maior desvergonha.

—Tripulem o escaler da alfandega.

—Essa não está má. Os escaleres estão pôdres, e os remadores não querem morrer ainda.

—Os navios estão perdidos, não ha remedio, mas as duas companhas, Santo Deus... morrerem assim, a duzentos metros da praia!...

Chegava José com os dois filhos.

As ondas batiam na cantaria do caes e na escadaria e espadanavam em linguas de crystal; no mar,

no negrume denso percebia-se o tumultuar raivoso das aguas, os dorsos tumescentes, as cristas cambaleando das vagas; os nevoeiros humidos, acossados, dilacerados pelo tufão, perpassavam rapidos; os relampagos illuminavam a espaços a scena terrivel como para mostrar a grandeza do desastre, e o trovão desdobrava-se de vez em quando n'um fracasso asperrimo e acabrunhante sobre os grandes ruidos do vendaval.

—Onde é o naufragio?—perguntou o barqueiro a um marujo,

—O naufragio? qual d'elles? parece que vai tudo naufragar; inda agora passavam dois navios, um brigue sueco e uma barca russiana, lá iam aos tombos por ahi abaixo; o brigue garrou e veiu abalroar com uma barca, rebentando-lhe as amarrações; ás onze horas ainda se viam bem; ouviam-se uns estalos seguidos, provavelmente eram as amuradas e os mastros a renderem-se. Escute? não ouve? é o alarido das tripulações.

Nada mais affiictivo: era a escala crescente da agonia; ouviam-se os gritos a enfraquecer de momento para momento; depois o trovão ou a rajada não os deixava perceber; em seguida ouviam-se de novo, mais fracos e mais distantes. Os barcos tinham garrado e eram arrastados para oeste, para os rochedos da costa, rochedos sem fenda, nem escabrosidade, nem talisca onde pegasse um dente de croque.

—Pois senhor, — dizia um dos consules — não

póde haver nada mais triste: nunca vi uma desgraça assim.

—Elles não têem lanchas?

—As lanchas não aguentam mares d'estes, são fracas e pequenas, e provavelmente o abalroamento escangalhou-as.

—Vinte libras,—bradou um dos consules,—vinte libras a quem lá for com um barco bom e seguro, para salvar aquelles homens! Vinte libras! Trinta libras!

—Mais vinte libras,—bradou outro.

—Mais vinte libras e a medalha da humanitaria!—gritou um terceiro.

Ninguem se movia; toda aquella gente se calara; as rajadas passavam como rindo d'aquelle mutismo, d'aquella inercia perante o perigo. Alguns marujos até murmuraram: «Estão a gritar a lota para ver quem vai morrer.» Mas de repente ouviu-se um brado que causou ao mesmo tempo um choque electrico e um calefrio, porque era ao mesmo tempo nobre e lugubre.

—Vou eu, senhores!—bradou o José barqueiro,—vou n'um prompto á doca largar o meu batel que é barco valente, e levo commigo os meus dois filhos. Se morrermos, rezem por nós e dêem esse dinheiro á minha viuva.

—Vá, mas não leve os filhos, ou leve um só—gritaram alguns marinheiros que se agruparam em torno d'elle.

—Então tenho que levar outro homem.

—Outro homem, um homem para acompanhar o José barqueiro!

Ninguem se mexia; houve outro momento de silencio.

—Aqui estou eu.—Era o Manuel marceneiro.

—Tu—disse o José? — Não quero, has de ser o marido de minha filha, podes morrer, homem, não quero.

—Quero eu; tenho força e tambem estou costumado ao mar; posso aguentar a cana do leme; eu sei nadar e sei que não hei de morrer.

—Pois vamos.

E correram para a doca.

A doca é protegida por um molhe de cem metros de comprimento e cinco de largura; no extremo alarga-se e sobre a pequena plataforma está a casa do guarda, o mastro de signaes e o farolim de vidros azues.

Muita gente acompanhava o José barqueiro; apresentaram-se então alguns voluntarios, mas elle só aceitou um, conhecido já pela sua valentia e sangue frio no mar. «Pouca gente, dizia, mas boa é que preciso, gente que não se atrapalhe.»

O batel sahiu da doca com o auxilio dos croques, mas logo que chegou ao molhe, onde já tinha espaço bastante, e o balanço sendo consideravel, prepararam a véla deixando-a ferrada até meia verga.

O José barqueiro, ajudado por Manuel, aguentava a cana do leme.

Logo que o batel chegou a uns dez metros da

pôpa do brigue, os marinheiros arremessaram de lá um cabo; o filho do barqueiro puxou-o, e deu-lhe uma volta no mastro, mas sem o prender, prompto a largar. O vento, forçando o pequeno triangulo de panno que o batel tinha sobre si, estirou o cabo. Os naufragos vieram então um a um por aquella terrivel ponte que os salvava da morte. Os tripulantes da barca saltaram para o gurupés do brigue. Hora e meia, um seculo de tormentos, incertezas, agonias; o batel esteve em risco por vezes. As vagas referviam raivosas em torno dos cascos dos navios; saltavam e lambiam as fragas a grandes alturas, formavam resacas violentas e estrondeavam nas arrebentações. Salvaram-se todos; eram dezesete, oito suecos tripulantes do brigue e nove russianos da companha da barca. Chegavam, encostavam-se no fundo do batel, bebiam alguns tragos de aguardente e ficavam quietos, silenciosos, tiritando. Não faltava ninguem.

—Emfim!—bradou o barqueiro; e largou o cabo de salvação.

E quasi no mesmo instante, ouviu-se um estalo secco, terrivel; era a quilha da barca que se partira n'um rochedo; como a maré vasava, os escolhos descobriram-se. A barca inclinou-se vagarosamente sobre estibordo, o casco apoiado sobre o cachopo; o gurupés do brigue, com o choque e com a força da resaca, desencravou-se da barca, arrancando-lhe as mesas, mas em seguida uma vaga mais forte elevou o brigue no dorso tumultuoso, e encontrando a

barca encostada, salvava-a n'um cachoar immenso e lançava sobre o casco, já rendido, o brigue como se fosse um machado.

Foi um estalar medonho. Quando a vertigem das aguas serenou, viram as cavernas nuas e desconjuntadas da barca; do brigue avistava-se apenas o talhamar esguio, escavacado; a ré estava ja submersa. Pouco depois desapparecera tudo.

O batel seguia bem; como levava maior peso, o barqueiro largou mais véla.

O porto estava coberto de destroços. A trovoada passara; ainda se via ao longe o faiscar dos relampagos. O vento continuava sul, acossando as nuvens pesadas e escuras; a espaços mostravam-se já farrapos de céo azul. A aurora rompia, o oriente começava a amarellar-se. Avistaram o caes; estava apinhado. A multidão, logo que avistou o batel, alvoroçou-se.

—Iça a bandeira—disse o barqueiro—para que vejam que voltamos alegres.

Quando a bandeira, a linda bandeira portugueza, azul e branca, como o ceo á hora d'alva, subiu de vagar ao topo do latino, e banhada na claridade da aurora tremulou lá no alto nas lufadas do vendaval como pomba adejante perdida na tormenta, um immenso alarido, um grito só de centenares de peitos resoou no caes e na praia.

Assim que o batel atracou á ponte, precipitaram-se todos pedindo noticias para vêr os salvados, para abraçar os homens generosos que tinham arris-

cado as vidas. O mestre barqueiro ria e chorava; muitos marujos o acompanharam a casa. Proximo a chegar á porta, parou, voltou-se para os seus companheiros e disse simplesmente:

—D'esta nos salvimos nós bem, mas o que me lembrou no mar, não me esquece em terra; eu prometti e heide cumprir a minha promessa: a véla do batel ao Senhor Jesus dos Navegantes.

—E eu—disse o Manuel—prometti uma arroba de cera á Senhora da Alegria.

V

José entrou em casa; a mulher ainda estava a rezar, a filha ergueu-se ouvindo o tropel.

—Então que é isto, meu pae? tanta gente? Ai! como está molhado! Foi ao mar?

—Fui, agora já passou tudo, não te afflijas; o Manuel acompanhou-me tambem, e teu irmão e outro rapaz. Salvámos dezesete homens. Ai! minha filha, julguei que não tornava a vêr-te. Olha, prepara-nos já uma bebida bem quente, estou em calefrios.

Os marujos e outros curiosos dispersaram-se pouco a pouco. Acabava o barqueiro de mudar de roupa e de se regalar com um bom *grog*, quando chegou o criado do consul avisando-o para ir ao consulado pelas dez horas.

Pouco antes da hora marcada, José vestiu o seu

fato domingueiro e sahiu para ir ao barbeiro. De passagem parou na officina do pai de Manuel. Encontrou-o ainda mais sorumbatico que de costume.

Assim que deu com os olhos no barqueiro, parou o torno e disse asperamente:

—Pois senhor, tenho a agradecer-lhe a sua fineza. Estive então quasi a ficar sem filho?

—Qual historia, homem, deixe-se d'isso, aquillo foi um passeio por mar.

—Não esteve mau o tal passeio; vossê que toda a vida tem lidado no mar prometteu a véla do batel ao Senhor dos Navegantes, e ainda diz que não correu perigo...

—Homem, n'estas occasiões a gente não pensa no que faz; o coração diz-nos—vá—e nós seguimos ávante. Meu filho, entende vossê, tambem lá foi, e eu quero tanto a meu filho como vossê ao seu Manuel. E, já agora, deixe-me dizer-lhe, que vem a proposito: o seu Manuel tambem quer ser meu filho.

—Tambem quer ser seu filho? não o entendo.

—Pois tem pouco que entender: quer casar-se com minha filha; mas como vossê, ha uns tempos para cá, o trata com desamor, ainda não se atreveu a fallar-lhe em casamento.

—Historias, homem, creancices...

—Creancices? Então vossê era velho quando casou? Elle póde ganhar com o seu trabalho, ella é mulher da sua casa, é geitosa e nada amiga de espaventos; então porque não hão de os rapazes casar? Olhe, ha de ser um bonito casal. Ora, mestre

deixe-se de andar casmurro com todos, a gente tambem goza com a alegria dos mais.

—E vossê a dar-lhe com a má cara que tenho. Que quer, sou assim; uns nascem bonacheirões como vossê, outros... são como eu sou, tratam do seu trabalho e mais nada.

—E eu não trato do meu trabalho? Então eu não arrisquei hoje a minha vida? Sou alegre, bonacheirão como vossê diz: gosto de me divertir e gosto tambem de ver os mais contentes. Eu não tomo á má parte essa sua palavra, mestre; eu, quer-me parecer isto, bem sei d'onde vem essa tristeza, e tambem sei onde está o remedio. Vossê d'antes, no seu tempo de casado, não era assim; morreu-lhe a mulher e parece que julga que os mais tiveram culpa...

—Não falle n'isso, sr. Josê...

—E quer vossê saber onde está o remedio? é casar o Manuel; em vossê tendo um netinho, acabam logo os maus modos; é como o tempo, nasce o dia e desapparece a sombra da noite velha. Eu já volto, vou a casa do consul.

Uma grande surpreza aguardava o barqueiro no consulado. Estavam lá reunidos os consules, empregados, alguns commerciantes principaes, e os naufragos, que tinham já outro parecer com os novos fatos que lhes tinham dado.

Todos se puzeram de pé quando o barqueiro entrou; José ficou embaraçado, quasi sem se atrever a dar um passo. Rodearam-no abraçando-o, os con-

sules fizeram-no assentar entre si n'uma cadeira de braços, que tinha sobre as costas uma bandeira portugueza. Os criados trouxeram bandejas com garrafas de vinho do Porto e copos.

—Onde estão os seus companheiros ?—perguntou um dos consules.

—Ficaram lá em casa; como o recado era só para mim não me atrevi a trazel-os commigo.

—Ora essa! vão já chamal-os.

D'ahi a pouco entraram os tres da companha e eram recebidos com igual alvoroço. Seguiram-se brindes com enormes *hurrahs*. O barqueiro estava alegre, exuberante; contava os episodios do naufragio, a grandeza da luta com o vendaval, e a proposito, as suas antigas viagens, o desarvoramento da escuna *Brilhante* no canal de Moçambique, e o encalhe do *Nova Estrella* na praia de Lagos. Todos o escutavam e applaudiam.

Os consules entregaram-lhe dois cartuchos de libras como recompensa offerecida pelas corporações consular e commercial ao destemido e generoso barqueiro.

José sahiu do consulado quasi em triumpho.

Assim que entrou em casa, disse ao Manuel:

—Vai chamar teu pai e vem com elle.

Alguns minutos passados, entravam os dois.

—Mestre marceneiro, eu desejo que este dia seja grande a todos os respeitos. Fique justo o casamento...

—Está dito... respondeu o marceneiro já mais alegre.

—Ora isso é que é fallar! Graças a Deus! Manuel, vamos, já um abraço na Emilia. E nós tambem—disse elle para o marcenciro—vá lá um abraço. E tu, minha Brigida, minha velha, dá um abraço no teu marido, anda, minha pobre companheira. Vá, abracem-se, abracem-me todos!

A alegria brilhava em todos os rostos, nos olhos tremiam umas lagrimasitas.

José, com o espirito mais serenado, assentou-se, tirou do bolso os dois cartuchos e contou cem libras.

—Safa! nunca me vi com tanto dinheiro. Pois não ha de ser todo para mim. Manuel, tu que és marceneiro, mais teu pae, arrangem a mobilia da tua casa; eu comprarei as roupas e as louças, trinta libras. Outras trinta são para um batel novo cá para os meus dois filhos ; alegrem-se, rapazes. A senhora Brigida ha de ter uma andaina nova para assistir á boda da filha, dez libras. Tu, Emilia, precisas um capote e um cordãosito, outras dez; e as outras vinte serão para a boda, um casamento de truz!

—Ha de ser na ermida da Senhora da Alegria, sim, meu pae?—pediu Emilia.

—Que lembrança essa! Pois seja; então foi na romaria que começou o derriço?

—Foi lá que se decidiu,—disse ella corando e cruzando um olhar com o noivo.

O mestre marceneiro abraçou Emilia; já parecia mais contente; a alegria expansiva de toda aquella gente tinha-o commovido.

—Olá, mestre marceneiro—disse o José—já está mais meigosito; o que será em andando com os netos ás cavallitas!

Todos se sorriram; Manuel e Emilia puzeram-se como cerejas.

VI

Nas semanas seguintes entregaram-se todos sem descanço ao trabalho. O barqueiro e os dois filhos ajudavam os carpinteiros na construcção do batel. Emilia cosia sem cessar, auxiliada por uma companheira: Manuel e o pai trabalhavam na mobilia.

Manuel alugou uma casa fora da cidade, não muito distante da officina.

—Fica mais longe—dizia elle—não faz mal, é um passeio maiorsito. É uma casa bonita, desafogada, e depois o sitio; aqui avistam-se apenas telhados. Só a liberdade e o socego... é quasi campo largo; defronte da casa corre a alameda, dos lados e detrás ha hortas e pomares. O hortelão já me deu licença para passeiar por onde quizessemos.

De noite reuniam-se todos em casa de José; faziam então os seus relatorios.

—O batel cresce a olhos vistos, já tem quinze cavernas.

—Pois nós não temos estado de braços cruza-

dos—contava o marceneiro—hoje acabámos a mesa de jantar, ámanhã começamos com as cadeiras.

Emilia nem á noite descançava: conversando e rindo, não largava a costura em todo o serão. Quem olhava mais para ella era o futuro sogro; o d'antes sorumbatico marceneiro, conhecendo as prendas e o bom genio de Emilia, já estava orgulhoso d'ella, sentia-se satisfeito por ver que uma rapariga tão perfeita acolhia de bom grado o seu filho. E bem agradavel, na verdade. Não era uma belleza deslumbrante, magestosa, nada d'isso tinha ella, nem fórmas opulentas, nem estatura elevada, nem pelle alvissima ou morena, nem cabellos de azeviche ou ouro; nem Margarida nem Sulamite; era uma formosura portugueza, estatura regular, esvelta e agil, formas graciosas e modestas, cabellos castanhos, pelle rosada e fina, olhos humidos e suaves, todas as feições delicadas, no todo uma certa singelesa e meiguice. Quem a via sentia-se attrahido por uma doce inclinação respeitosa, fraternal, não possuido de paixões ou grandes enthusiasmos; não lembrava os astros, nem os abysmos. Por isso o velho marceneiro gostava de olhar para ella, achava conforto n'aquella gentil rapariga, nada taful nem azougada; a saia era de chita, roupinha branca sem enfeite algum, no cabello só uma flor, o botão de rosa que Manuel lhe trouxera. Até o candieiro parecia satisfeito por illuminar na sua luz aquella fronte tão suave. Lavava os olhos, permittam a expressão po-

pular; o povo tem muitas vezes profunda exactidão nos seus pensamentos; não cegava, não offuscava, consolava, alliviava.

Os dias iam passando; para Emilia e Manuel eram seculos.—Tomára já acabar as cadeiras, dizia um. —Quem me dera as fronhas já promptas—dizia ella. —Quem me dera já domingo, e o outro domingo e o ultimo pregão, pensavam ambos.

Chegou emfim o grande dia. Os dois bateis, pintados de verde, parecendo dois irmãos gemeos, cortam as aguas como navalhas. O mar está sereno, o ar vivificante, nem uma nuvem no céo. Todos vão alegres, riem indefinidamente, ás vezes sem saber porque. José até se esquece das suas historias e viagens. O padre prior, grande amador de pescarias, conversa animado; o sachristão é o menos contente de todos.

—Isto é bonito, é, mas eu gosto mais de andar por onde anda a raposa.

—O que seria se vossê visse o que estes olhos, que a terra ha de comer, têem visto—disse o barqueiro.

—É verdade, sr. José—perguntou o prior—onde foi o tal naufragio ?

—Olhe, sr. prior, não vê alem aquelles rochedos, onde as fragas estão mais a prumo? pois foi ali que os barcos se afundaram.

—Credo, santo nome de Deus!—exclamava o sachristão.

Os bateis dobraram uma pequena restinga e en-

traram na enseada; desambarcou o rancho todo e subiram a encosta.

Quando estavam lá em cima, no pequeno terreiro da ermida, contemplando a magnifica vista que d'ali se disfructa, entrou na enseada outro barco.

—Que barco tão bonito e como vem depressa—disse Emilia.—É barco de pesca, meu pae?

—Qual, ora querem ver... é um escaler. E parece-me o escaler do consul russo; e vem a oito remos. Traz muita gente, muitas senhoras.

—Ai! que vergonha! se vem assistir ao casamento.

—Vergonha de quê? ora essa!

—Vamos, senhores, entrem—disse o prior—está tudo prompto.

Ia a ceremonia em meio, quando entraram na igreja os novos visitantes. Eram os consules e suas familias. Conservaram-se afastados. Emilia parecia uma romã.

Logo que o casamento acabou, aproximaram-se todos dos noivos, felicitando-os.

—Quizemos fazer-lhe uma surpreza, sr. José—disse o consul russo—temos andado a espiar-lhe os passos, e cá viemos dar com os noivos; queriam fazer isto em segredo? pois cá nos téem sem nos convidarem. Agora pedimos-lhe licença para duas cousas. Minhas filhas e outras meninas trazem uns presentesitos para a noiva, e nós, os papás, trazemos tambem os nossos.

O barqueiro estava boquiaberto; as meninas ti-

nham rodeado Emilia e offereciam-lhe ramalhetes e anneis. O consul russo pregou na jaqueta do barqueiro uma condecoração que o seu governo lhe enviara, e o consul sueco offereceu-lhe a medalha d'ouro da sociedade *pro-patria* de Stockholmo.

Só ao sol posto os barcos largaram das amarrações. Os dois ranchos reuniram-se n'um dos bateis, onde havia muito espaço. A noite chegou amenissima, a aragem apenas encrespava as aguas, que pareciam suspirar e sorrir acariciando as prôas dos bateis; sobre o mar a lua desdobrava o seu leque scintillante, e lançava nos corações sentimentos de doçura e brando enlevo.

As meninas, que não largavam Emilia, começaram espontaneamente a entoar em côro e á *boca chiusa* uma canção.

—Vá, vá lá uma canção—disse um dos consules—eu gosto immenso de ouvir cantar n'estas noites serenas.

Então as vozes suaves de emoção e frescas de juventude juntaram o seu encanto aos encantos d'aquella noite de carinho e alegria.

VII

Já decorreram dois annos. Elles moram ainda na casa da alameda. É tão fresca a alameda! Dois renques de arvores corpulentas, onde se alternam as

faias de troncos claros e folhagem prateada e tremula, e os ulmeiros de grossos caules rugosos e robustos, sustentando elevadas copas d'um verde sombrio, seguem ao longo do ribeiro, domado d'um lado da alameda por um muro baixo e revestido de heras, e marginado da outra banda por hortas de que o separam apenas pequenos vallados cheios de congossas e canaviaes. É tão agradavel passeiar por aquellas sombras nas horas de calma! ali sempre corre alguma viração. D'antes eu costumava ir, nos dias de calma, passar ali uma ou duas horas; e muitas vezes presenciei uma scena que me calava no coração.

Dava meio dia, suspendiam-se os trabalhos. Minutos depois appareciam no começo da alameda Manuel e o pae, voltando da officina; e a Emilia, que os espreitava da janella, vinha sahir-lhes ao encontro puxando um carrinho onde vinha a filha. Era um encanto aquella creança, gorda, alegre, rosada, agitando os bracitos. Encontravam-se, tiravam a pequena do carro, e de ordinario havia questões entre o avô e o pae sobre qual d'elles a havia de levar ao collo. Vencia quasi sempre o avô, e lá ia o bom do velho, todo ancho com a neta, fazendo-lhe momices e carinhos.

Á noite as duas familias reunem-se em casa do marceneiro, junto da chaminé, nas noites agrestes de inverno, sob as arvores, nas serenas noites de verão.

Uma noite o avô materno tinha a neta sobre os

joelhos. Estavam todos em roda do lume. Sobre o fogão chiava a chaleira e fervia em cachão a panella do peixe.

—Deixe lá ver a boquinha, os dentinhos. Ai! que amor de boquinha!—dizia o José barqueiro, ameigando a creança.

—É tal e qual a boquinha da mãe.

—E a do José—dizia a Brigida.

O mestre marceneiro sorria-se.

—Vossê ri-se, olhe que eu em rapaz era bonito moço; tinha uma boquinha...

—Olhe, pae—dizia Emilia—as mãosinhas d'ella.

—E que dedos tão compridos, são dedos de habilidosa.

—Ha de ser como a mãe.

—O nariz é o do avô, sem tirar nem pôr.

—E os olhos são taes e quaes os de Manuel.

—Olhem, querem saber uma cousa? os olhos d'ella lembram-me os de minha mulher que Deus haja—dizia o velho marceneiro.

—Pois, sim senhor, a minha neta não deixa ninguem descontente: de todos tem alguma cousa. Vamos á ceia.

E todas as noites continuava a discussão da cretança.

Eu, vendo-os assim, em volta do lar ou nas sombras da alameda, alegres, satisfeitos, pensava muitas vezes:—Quantos grandes e opulentos desejarão

a sã felicidade que esta gente goza! Porque são as montanhas mais altas as mais calvas e agrestes? porque as alturas estão mui expostas ás furias das tormentas, ao faiscar dos raios. Lá nos pincaros os horizontes são vastos, deslumbrantes, mas desabrigados. Nos valles, onde os horizontes são estreitos, adormecem as correntes, as aragens são meigas, as flores abrem-se sem receio das rajadas. Aquella gente humilde vive n'um pequeno horizonte; a ambição não lhes deivaira os pensamentos, a inveja não lhes envenena os corações; e assim como as aldêas alvejam alegres nas veigas verdejantes abrigadas pelas collinas, assim elles vivem na serenidade da familia, tranquillos, abrigados dos baldões da vida pelo amor e pelo trabalho.

BIBLIOTECA PÚBLICA
PROVINCIAL
DE
AVILA

NO AMAZONAS

BIBLIOTECA PÚBLICA
DE
EVORA